

ARTIGO

Fernando Ferreira de Loanda, poeta da geração de 45

Fernando Ferreira de Loanda, poet of generation of 45

Joelma Santana Siqueira 

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

E-mail: jandraus@ufv.br

RESUMO: Neste artigo, apresentamos aspectos da trajetória artística do escritor Fernando Ferreira de Loanda, poeta e editor de poetas da geração de 45, e propomos uma leitura do poema “Ode para Jack London”, publicado pela primeira vez em 1948, para exemplificar sua forma de apropriação do legado clássico. Como outros poetas da geração de 45, Fernando Ferreira Loanda também retoma formas clássicas, sem abdicar de conquistas modernistas. E, também como outros poetas de sua geração, deixou-nos importante legado poético, crítico e editorial que merece ser estudando, tendo em vista a contribuição para a história da literatura brasileira moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Geração de 45; Poetas de 45; Fernando Ferreira de Loanda.

ABSTRACT: In this article, we present aspects of the artistic trajectory of Fernando Ferreira de Loanda, writer, poet and editor of the 45s poets' generation, by proposing a reading of the poem “Ode para Jack London”, first published in 1948, in order to exemplify his appropriation ways of the classical legacy. As a common feature of such group, Fernando Ferreira Loanda takes on classical forms, without giving up the modernist conquests. Beyond that, like other poets of his generation, he left us an important poetic, critical and editorial legacy that deserves to be studied as an important contribution to the history of modern Brazilian literature.

KEYWORDS: Generation of '45; Poets of the Generation of 1945; Fernando Ferreira de Loanda.

COMO CITAR

SIQUEIRA, Joelma Santana.
Fernando Ferreira de Loanda,
poeta da geração de 45.
Revista da Anpoll, v.54, n.1,
e1821, 2023. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v54i1.1821>

1 Introdução

No presente artigo, usamos a expressão “geração de 45” para nos referir a um grupo de escritores, melhor dizendo, poetas, brasileiros, da segunda metade do século XX, alguns deles bastante empenhados na própria identificação do grupo como uma geração, outros, situados nela pela contemporaneidade. Com frequência, foram associados a certos ideais estéticos, especialmente, o formalismo, a depuração estilística e o retorno às formas clássicas. Talvez fosse mais apropriado usarmos a expressão “poetas de 45”, como fez Vagner Camilo (2020), ao citar algumas das principais ações do grupo:

Os poetas de 45 criaram, ademais, todo um programa de ação que incluía não só a publicação de revistas e a mobilização de rodapés e suplementos literários (a exemplo do “Pensamento e Arte”, suplemento do *Correio Paulistano*) como veículos de divulgação de ideias e produções poéticas, mas também a promoção do Primeiro Congresso Paulista de Poesia (São Paulo, 1948), que repercutiu em diversos Estados, conforme se viu, com a formação de outros congressos regionais. Além disso, foi criado o Clube de Poesia de São Paulo, fundado por Silva Ramos, no qual foram ministrados cursos de retórica e poética pelos próprios integrantes da geração e por convidados nacionais e estrangeiros (a exemplo de Stephen Spender, ‘Poesia conceito’). Esses cursos e conferências acabaram sendo publicados nos veículos de divulgação do grupo [...] (CAMILO, 2020, p. 188-189).

Camilo citou o poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos, um dos diretores da *Revista Brasileira de Poesia*, outro órgão de expressão do grupo, e autor de importante produção crítica. Apesar do extenso legado poético, crítico, teórico e editorial dos membros da geração, os poetas a ela vinculados permanecem pouco estudados pelos críticos e historiadores da literatura brasileira. Recentemente, no entanto, destacamos duas publicações relevantes a respeito do assunto: o livro *Modernidade entre tapumes* – da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna, sobre a tendência neoclássica da lírica do pós-guerra, de Vagner Camilo (2020), e o dossiê “Geração de 45, Poetas de 45”, da Revista *Texto poético* (2021), vinculada ao Grupo de Trabalho “Teoria do texto poético”, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). O livro de Camilo discute o giro neoclássico empreendido por poetas modernista e poetas da geração de 45. O dossiê traz, entre outras contribuições, artigos que se debruçam sobre a poesia de Péricles Eugênio da Silva Ramos, a *Revista Brasileira de Poesia* e as relações entre a poesia da geração de 45 no Brasil e na Argentina.

A lista de poetas situados na geração é bastante extensa e variada. No livro *Apresentação da poesia brasileira*, contendo ensaio historiográfico e antologia, Manuel Bandeira (1966) citou os nomes de Lêdo Ivo, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Cabral de Melo Neto, Marcos Konder Reis, José Paulo Moreira da Fonseca, Bueno de Rivera, Paulo Mendes Campos, Thiago de Mello, Geir Campos, Emanuel de Moraes, Antônio Rangel Bandeira, Afonso Felix de Sousa, Darcy Damasceno, Stella Leonardos, Nilo Aparecida Pinto, Ciro Pimentel, Paulo Hecker Filho, Paulo Bonfim, José Escobar Faria, Antônio Olinto, Domingos Paoliello, Rui Guilherme Barata, Edson Régis, Hélio Pelegrino, Edmir Domingues da Silva, Fred Pinheiro, Ruth Maria Chaves, Myrthes Riberte, Antonio Pinto de Medeiros, Moniz Bandeira, Reinaldo Jardim, Henrique Simas, Lucy Teixeira, Marly de Oliveira e Zila Mamede. Uma lista ainda maior encontra-se na *Antologia poética da geração de 45*, de Milton de Godoy Campos (1966), constituída de 64

nomes. Entre outros aspectos interessantes relacionados à extensão e variedade dessas listas de poetas da geração de 45, destacamos a referência a nomes que deixaram de ser identificados com a geração, trilhando por vezes caminhos opostos, e a presença de mulheres poetas pouquíssimo estudadas. Um dos nomes mais citados quando se estuda a geração de 45 é o de João Cabral de Melo Neto, porém, frequentemente acompanhado de ressalvas, como a de que pertence à geração por uma contingência temporal, não compartilhando dos ideais estéticos atribuídos à poesia dos poetas da geração. Por outro lado, nomes como o de Fernando Ferreira de Loanda não têm sido recordados em trabalhos de crítica literária. O poeta esteve à frente da criação da revista *Orfeu*, que funcionou como órgão de divulgação da geração, e tem sido frequentemente lembrado pelo trabalho de editor dos novos por ter publicado *Panorama da poesia brasileira* (1951), *Antologia da nova poesia brasileira* (1965) e *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967). Fernando de Loanda também publicou os livros de poesia *Equinócio* (1953), *Do amor e do mar* (1964), *Kuala Lumpur* (1991) e *Signo da serpente* (2000). Além desses, há uma edição de seus poemas intitulada *Poemas de Fernando Ferreira de Loanda*, com introdução do escritor David Mestre e tendo na capa o retrato do autor por Iberê Camargo, publicado em 1982, em Angola, pela União do Escritores Angolanos. Ibriela Bianca Berlanda (2011), em sua dissertação de mestrado sobre a presença do poeta Roberto Piva na Revista *Azougue*, abordou a participação de Fernando de Loanda nesta revista e citou mais um livro de poesia do escritor: *A fronteira vulnerável* (1996). Na apresentação da entrevista concedida por Loanda para o número 8 da Revista *Azougue*, publicada em 2003, Sergio Cohn (2003, p. 39) destacou que este último livro foi “editado apenas no México”. Os livros de poesia do escritor, hoje, como os de outros poetas da geração de 45, são de difícil acesso. Alguns de seus poemas foram publicados no *site* da Revista *Escamandro*¹, e a maior disponibilidade de seus poemas na internet encontra-se em um *site* da Universidade Autônoma do México, que publicou uma antologia de poemas do escritor traduzidos para o espanhol por Maricela Terán².

No artigo sobre as cartas de João Cabral de Melo Neto enviadas a Domingos Carvalho da Silva, Laíse Ribas Bastos e Maria Lúcia de Barros Camargo (2020), ao destacarem o comentário da historiadora Luciana Picchio sobre o esquecimento do poeta Domingos Carvalho da Silva do panorama literário, ressaltaram que em suas pesquisas não buscaram “qualquer tentativa de resgatar o autor do possível ‘esquecimento’ no sentido de uma monumentalidade, ou ainda, de reivindicar-lhe outro lugar na história”, mas sim “de ampliar as possibilidades de leitura dessa mesma história, de estender e aprofundar a perspectiva crítica de determinados contextos da literatura, bem como de lidar com a complexidade da própria vida literária” (BASTOS; CAMARGO, 2020, p. 82). No presente artigo, com objetivo semelhante, visamos apresentar possibilidades de leitura da poesia de Fernando Ferreira de Loanda e contribuir para a história da geração de 45, acompanhando a presença do escritor na imprensa e propondo uma leitura de seu poema “Ode para Jack London”, publicado no *Correio da manhã*, em 04

¹ *Escamandro*: <https://escamandro.com/2017/02/20/fernando-ferreira-de-loanda-1924-2002/>

² Material de Cultura da UNAM: <http://www.materialdelectura.unam.mx/index.php/poesia-moderna/16-poesia-moderna-cat/181-081-fernando-ferreira-de-loanda>

de julho³ e em 10 de outubro de 1948⁴; na Revista *Leitura* (RJ), em março de 1949⁵; no *Diário de Pernambuco*, em 12 de março de 1949⁶; e nos seguintes livros do escritor: *Panorama da poesia brasileira* (1951), *Equinócio* (1953), *Do amor e do mar* (1964), *Antologia da nova poesia brasileira* (1965) e *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967).

2 A presença na imprensa brasileira

Fernando Ferreira de Loanda nasceu em 1924, em Angola, naturalizou-se brasileiro, foi jornalista, poeta e industrial. Faleceu em 2002, no Rio de Janeiro. Nos anos 1940, colaborou para o Suplemento Letras e Artes do Jornal *A manhã* (RJ) e a Revista *A cigarra* (SP) com textos poéticos e resenhas críticas. Na Suplemento Letras e Artes, criado em 12 de maio de 1946, sua primeira contribuição, possivelmente, foi a publicação da “Antologia da moderna poesia portuguesa”, matéria de página inteira, com o *lead* “Seleção e nota de Fernando Ferreira de Loanda”⁷. Em 6 de abril de 1947, o poeta participou da enquete “Que livro gostaria de ter escrito”⁸, publicada no referido Suplemento e contendo respostas de outros nomes como Murilo Mendes, Maria Julieta Drummond de Andrade e Marques Rebelo. No dia 29 de junho de 1947, o Suplemento Letras e Artes publicou a notícia “Vai surgir a revista ‘Orfeu’”, informando que a revista estava sob a direção de Fernando Ferreira de Loanda e Fred Pinheiro, e que apresentaria colaboração apenas dos ‘novíssimos’, na trilha das revistas “Edifício”, “Joaquim”, “Paralelos” e “Agora”. Sobre a revista, lia-se:

Nessa revista, os novíssimos do Rio afirmarão a sua posição em face aos problemas estéticos do presente e realizarão um movimento de julgamento dos mais velhos. Colaboradores de ‘Orfeu’: Marcos Konder Reis, Darcy Damasceno, Lêdo Ivo, Breno Acioli, Dalton Trevisan, Paulo Mendes Campos, Hélio Peregrino, Vanessa Neto, Bernardo Gersen, Heydn Goulart, Xavier Placer, Francisco Pereira da Silva, Jaques do Prado Brandão, Wilson Figueiredo, Sansão Castelo Branco e outros.

‘Letras e Artes’, que acompanha com o mais vivo interesse a atividade cultural dos nossos jovens, saúda com a maior simpatia a revista ‘Orfeu’ e seus idealizadores⁹. (VAI [...], 29 jun. 1947, p. 2).

O primeiro número da Revista *Orfeu* foi publicado com a indicação temporal “Primavera de 1947”. O aparecimento da geração de 45 tem sido associado à publicação do artigo “O neo-modernismo”, de Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), na revista *A época*, da Faculdade Nacional de Direito, em julho de 1947, reproduzido no Suplemento Letras e Artes do jornal

³ *Correio da manhã*, 04 jul. 1948, s/p. http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/42247

⁴ *Correio da manhã*, 10 out. 1948, s/p. http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/43803

⁵ *Leitura*, mar. 1949, p. 52. <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/5360>

⁶ *Diário de Pernambuco*, 12, mar. 1949, s/p. http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/33271

⁷ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 13 out. 1946, p. 6. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/209>

⁸ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 06 abr. 1947, p. 15. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/504>

⁹ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 29 jun. 1947, p. 2. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/624>

A manhã em 24 de agosto de 1947. O crítico associava o fim do modernismo ao ano da morte de Mário de Andrade, 1945. O impacto do artigo pode ser observado em uma notícia publicada no dia 31 de agosto de 1947 no referido suplemento, destacando que o texto de Athayde “alcançou viva repercussão no seio da nova geração literária do país” e que o suplemento iria “recolher em seus próximos números depoimentos dos nossos jovens escritores, do Rio e de todos os Estados, para que se pronunciem livremente, em torno das ideias de Tristão Athayde”¹⁰ (PRONUNCIAMENTO [...], 31 ago. 1947, p. 7). Cinco matérias foram publicadas com depoimentos de escritores nas seguintes datas: 14 de setembro de 1947, com Lêdo Ivo, Adonias Filho e Raimundo Souza Dantas¹¹; 21 de setembro de 1946, com Raymundo Souza Dantas, Almeida Fischer e Antônio Rangel Bandeira¹²; 28 de setembro de 1947, com Fernando Ferreira de Loanda e Breno Accioly¹³; 12 de outubro, com Sílvio Elia, Jorge Medauar e J. Guilherme de Aragão¹⁴; 26 de outubro de 1947, com Waldomiro Autran Dourado e Dalton Trevisan¹⁵. Na matéria de 28 de setembro, Loanda comentou que “sim, somos um prolongamento do modernismo” / “E por que atirar pedras em Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros, se ainda não os valorizamos suficientemente?”¹⁶.

Meses depois da publicação do artigo de Athayde, ocorreu o I Congresso de Poesia de São Paulo, em 28 de abril de 1948, idealizado por Domingos Carvalho da Silva, autor da tese “Há uma nova poesia no Brasil”. A este poeta tem sido atribuída a nomeação da geração, ocorrida durante uma entrevista publicada no *Correio Paulistano* em 8 de maio de 1948 com a manchete “A batalha entre 22 e 45 determinou o itinerário do Congresso de Poesia”¹⁷.

A disputa entre a geração de 22 e a geração de 45 constitui um aspecto da história da literatura brasileira que permanece pouco estudado, embora comentado por alguns críticos. Nesse sentido, vale observar o que destacou Benedito Nunes (2007) sobre os colaboradores da Revista *Orfeu* e da Revista *Brasileira de Poesia* cultivarem a consciência de geração como “posição de autonomia relativamente à herança dos antecessores” (NUNES, 2007, p. 151). Mas vale perceber, também, que essa consciência, para alguns, foi se formando aos poucos. Fernando Ferreira de Loanda pode ser citado como um exemplo disso. Convidado a dar um depoimento sobre o artigo “O neomodernismo” de Tristão de Athayde, Luanda declarou que o crítico prestigiava em demasia certos jovens poetas – “e alguns porque são católicos (é o caso de J. Etienne Filho e outros)”, deliciava-se em “fabricar grupos, entre os quais, os que surgiam sem unidade alguma como os de ‘Edifício’ e outras revistas, hoje mortas com os seus fundadores, e sem a importância vital que procuramos da turma de ‘magog’, que excetuando a personalidade poética de Marcos Konder Reis, outro nome não tem que a represente” (PRONUNCIAMENTO

¹⁰ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 31 ago. 1947, p. 7. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/709>

¹¹ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 14 set. 1947, p. 15. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/733>

¹² Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 21 set. 1947, p. 15. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/749>

¹³ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 28 set. 1947, p. 7. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/757>

¹⁴ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 12 out. 1947, p.15. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/781>

¹⁵ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 26 out. 1947, p. 13. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/811>

¹⁶ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 28 set. 1947, p. 7. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/757>

¹⁷ *Correio Paulistano*, 08 maio 1948, s/p. http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/37498

[...], 1947, p. 7). Acrescentava: “Nada temos a combater. A revolução foi feita em 22. O nosso papel, queiram ou não, é de continuar a obra dos modernistas, mas, é claro, que com uma sensibilidade mais depurada, uma sensibilidade nova” (PRONUNCIAMENTO [...], 1947, p. 7). Observando a diferenciação entre os novos, propunha: “Se se trata de uma geração, não é uma geração de grupo, de escola e sim de valores isolados aqui e ali, sem que se tenham ainda definido bem”¹⁸ (PRONUNCIAMENTO [...], 1947, p. 7). Como é possível observar, inicialmente, Fernando Ferreira de Loanda não parece se importar com a identificação de uma nova geração. Esse aspecto foi comentado pelo próprio Loanda na entrevista “As palavras me fogem...”, publicada na Revista *Azougue* por Alberto Pucheu e Sergio Cohn: “Eu sempre fui contra o rótulo de ‘Geração de 45’. Mas depois, eles foram atacados, tão atacados que eu resolvi acompanhá-los” (Loanda *apud* Pucheu, 2003, p. 40).

Um dos primeiros textos críticos de Loanda publicados na imprensa foi “Poesia hermética”, na Revista *Dom Casmurro*, em 6 de abril de 1946, contendo elogios à poesia de Murilo Mendes e discutindo um aspecto recorrentemente associado à poesia dos mais novos: o hermetismo. Segundo Loanda, a poesia dos mais novos não era deliberadamente hermética, e a dificuldade não estava no poema, mas sim “na faculdade interpretativa do leitor”¹⁹.

Embora poemas do escritor tenham sido publicados em páginas de jornais na passagem dos anos 1940 aos anos 1950, e seu primeiro livro tenha vindo a lume em 1951, na efervescência do debate sobre a geração de 45, o escritor tem sido lembrado mais pelo trabalho de editor do que de escritor. A Revista *Orfeu* entrou para a história como órgão que agrupou os poetas da geração de 45, tendo sua cisão noticiada no texto “Crise no grupo Orfeu” em 23 de setembro de 1951 do *Diário Carioca*, que informava a fundação da revista por Fernando Ferreira de Loanda, Fred Pinheiro e Ledo Ivo, e a incorporação de Darcy Damasceno e Afonso Felix de Souza, “vivendo eles (mais ou menos) em comunhão poética até aqui. Ou precisamente até o debate sobre poesia promovido por este suplemento”. A notícia informava que Darcy Damasceno e Afonso Felix de Souza propuseram a exclusão de Lêdo Ivo da *Orfeu*, acusado de falso 45. Em relação ao diretor, esclarecia: “O diretor da revista resistiu: E mais: insistiu em editar as *Poesias completas* de Augusto Mayer, um modernista. O caso era de traição dos ideais de 45. Darcy e Felix, em declaração, divulgada domingo passado, desligaram-se de *Orfeu*”²⁰ (CRISE [...], 23 set. 1951, p. 2). A notícia também informava que, segundo o diretor, não havia crise na *Orfeu*, e sim expurgo. Meses depois, no dia 25 de maio de 1952, o jornal *Diário Carioca* publicou o texto “Definitiva cisão do grupo Orfeu”, destacando que Afonso Félix de Souza já tinha abandonado a revista e não estava de acordo com a publicação de um estudo crítico que saiu no último número, contendo “referências nada louváveis a Manuel Bandeira e Sérgio Buarque de Holanda”²¹ (CISÃO [...], 25 maio 1951, p. 2). No dia 1 de junho de 1952, o mesmo jornal publicou a pequena nota “Responde o diretor de ‘Orfeu’”, reproduzindo a resposta de Loanda às críticas de Afonso Félix de Souza, assegurando a animosidade deste poeta para com Manuel Bandeira e Sérgio Buarque de Holanda e ressaltado que o artigo publicado na *Orfeu*

¹⁸ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 28 set. 1947, p. 7. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/757>

¹⁹ *Dom Casmurro*. 06 abr. 1946, p. 4. <http://memoria.bn.br/DocReader/095605/3914>

²⁰ *Diário Carioca*, 23 set. 1951, p. 2. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/10717

²¹ *Diário Carioca*, 25 maio 1951, p. 2. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/14300

era de Afonso Felix²². Essas notícias exemplificam divergências entre membros da geração tendo em vista, em especial, o embate com o modernismo.

A publicação do primeiro livro de poesia de Loanda, *Equinócio* (1953), foi anunciada no Suplemento Letras e Artes do Jornal *A manhã*, em 23 de setembro de 1951: “O poeta Fernando Ferreira de Loanda, organizador do ‘Panorama da nova poesia brasileira’, publicado recentemente pela revista ‘Orfeu’, vai lançar proximamente, em edição limitada, de luxo, seu volume de estreia: ‘Equinócio’”²³ (EQUINÓCIO [...], 23 set. 1951, p. 11). Três poemas da obra, lançada apenas em 1953, foram publicados antes no referido suplemento: “Treno para Mauro Mota”²⁴, “O ausente”²⁵ e “Dilema avoengo”²⁶. Não identificamos textos críticos sobre o livro do escritor. Na revista *A cigarra*, encontramos a publicação dos seguintes textos de Loanda: o conto “Meu padrinho, o senhor está surdo?”²⁷; os textos “George Sand”²⁸, “Verlaine, poeta e vagabundo”²⁹; as resenhas “Os pobres”³⁰ (sobre livro de Raul Brandão), “Notas de um diário”³¹ (sobre *Mal tempo no canal*, de Vitorino Nemésio), “Uma das pontas do meu triângulo”³² (comentários sobre *Emigrantes*, de Bernardo Gersen), “Shakespeare enfant”³³, “Tabloides”³⁴, Fred Pinheiro – anjo poeta”³⁵, “Tabloides”³⁶, “Dois poemas”³⁷ (“Poema de Celme” e “À deriva”), “Edgard Allan Poe”³⁸; entre outros, “Novos caminhos no horizonte”³⁹ (que trata sobre a repercussão do I Congresso de Poesia e discorda da tese de Domingos Carvalho da Silva), “Carta para Cecília Meireles”⁴⁰, “Auto-retrato de Fernando Ferreira de Loanda”⁴¹. A Revista *A cigarra* foi um espaço de importante autopromoção do poeta nos anos 1940, pois nela publicou textos

²² *Diário Carioca*, 01 jun. 1952, p. 2. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/14403

²³ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 23 set. 1951, p. 11. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/2860>

²⁴ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 04 dez. 1949, p. 14. <http://memoria.bn.br/docreader/114774/1928>

²⁵ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 04 jun. 1950, p.11. <http://memoria.bn.br/docreader/114774/2222>

²⁶ Letras e Artes – Suplemento de *A manhã*, 17 ago. 1952, p. 5. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/3257>

²⁷ *A cigarra*, dez. 1945, p. 24. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/38761>

²⁸ *A cigarra*, ago. 1946, p. 90. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/40139>

²⁹ *A cigarra*, jan. 1947, p. 115. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/40492>

³⁰ *A cigarra*, maio 1947, p. 104. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/41131>

³¹ *A cigarra*, jun. 1947, p. 104. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/41297>

³² *A cigarra*, jul. 1947, p. 108. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/41465>

³³ *A cigarra*, ago. 1947, p. 109. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/41630>

³⁴ *A cigarra*, out. 1947, p. 109. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/41960>

³⁵ *A cigarra*, nov. 1947, p. 105. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/42120>

³⁶ *A cigarra*, dez. 1947, p. 105. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/42284>

³⁷ *A cigarra*, jan-fev-mar. 1948, p. 107. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/42450>

³⁸ *A cigarra*, jun. 1948, p. 137. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/42994>

³⁹ *A cigarra*, ago. 1948, p. 136. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/43319>

⁴⁰ *A cigarra*, out. 1948, p. 138. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/43645>

⁴¹ *A cigarra*, set. 1950, p. 96. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/47333>

sobre sua geração, uma mini autobiografia e contribuições para a literatura brasileira. No texto “Auto-retrato de Fernando Ferreira de Loanda”, destacou, sem humildade: “Disse uma vez que hei de fazer de ORFEU – revista que dirijo – um grande capítulo na história moderna da literatura brasileira, e o farei”⁴² (Loanda, set. 1950, p. 96).

Outro periódico que, nos anos 1940, ajudou a divulgar a obra de Fernando Ferreira de Loanda foi o *Diário do Rio Pernambuco*, onde o poeta publicou alguns poemas, e os textos “Qual o rumo da poesia brasileira” (que se assemelha em algumas passagens ao texto publicado no mesmo ano na revista *A cigarra* com o título “Novos caminhos no horizonte”⁴³), em 18 de julho de 1948; “Um novo poeta”⁴⁴, em 22 de agosto de 1948. Em uma edição do *Diário de Pernambuco* publicada em 17 de julho de 1949, ao lado de uma fotografia do jovem poeta, lê-se: “era um dos mais conhecidos e prestigiados dos nossos escritores novos. Tornou-se admirado no país inteiro através das colaborações que mantém em suplementos e revistas de vários Estados”⁴⁵ (GALERIA, 17 jul. 1949, p. 8).

Com menos ocorrências do que no Suplemento Literário do jornal *A manhã* (RJ), na revista *A Cigarra* (SP) e no *Diário de Pernambuco* (PE), Loanda também publicou alguns poemas no jornal *A manhã* (RJ). Um caso curioso foi observado na revista *O Cruzeiro* (RJ), onde o escritor publicou o conto “O hóspede do Hotel Engert”, em 19 de julho de 1947. Na edição de 16 de agosto de 1947, a revista publicou uma carta de um dos sócios do Engert reclamando do emprego do nome do hotel na ficção, destacando que o autor “não poderia invocar o nome de um estabelecimento comercial realmente existente, violando o sagrado direito alheio”⁴⁶ (LOANDA, 16 ago. 1947, p. 6).

A leitura dos textos de Loanda sobre os novos publicados na imprensa nos permite observar que os poetas da geração de 45 nem sempre se constituíam como um grupo coeso. No texto “Novos caminhos no horizonte”, publicado em agosto de 1948, em *A cigarra*, Loanda critica a tese de Domingos Carvalho da Silva apresentada no Primeiro Congresso de Poesia, destacando que a sensibilidade de ‘Orfeu’, ‘Edifício’, ‘Joaquim’, ‘Quixote’, ‘Região’ e ‘Encontro’ “é outra, mais depurada e rica. A turma de 30 anos de S. Paulo pouco foi além de Osvaldo de Andrade. E mesmo assim, este nosso grande ‘clown’ da poesia vale muito mais que todos eles juntos”⁴⁷ (LOANDA, ago. 1948, p. 136). A resposta a esta provocação não tardou. Em 27 de outubro de 1948, Péricles Eugênio da Silva Ramos publicou no *Correio Paulistano* o texto “A estrela da barbaridade”, citando o texto de Loanda, ao destacar que “fala-se, agora, em ‘sensibilidade mais rica e depurada’, acrescentando: “o que existe, via de regra, é o endeusamento da confusão: turvam-se as águas para parecerem profundas, amontoam-se imagens como se a arte fosse o caos. E, contraditoriamente, num falso preito à ordem, prega-se a volta à métrica e às formas cristalizada do soneto” (SILVA, 27 out. 1948, p. 4). Para exemplificar,

⁴² *A cigarra*, set. 1950, p. 96. <http://memoria.bn.br/docreader/003085/47333>

⁴³ *A cigarra*, ago. 1948, p. 136. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/43319>

⁴⁴ *Diário de Pernambuco*, 22 ago. p. 6. http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/30935

⁴⁵ *Diário de Pernambuco*, 17, jul. 1949, p. 8. http://memoria.bn.br/DocReader/029033_12/34829

⁴⁶ *O Cruzeiro*, 16, ago. 1947, p. 6. <http://memoria.bn.br/DocReader/003581/55070>

⁴⁷ *A cigarra*, ago. 1948, p. 136. <http://memoria.bn.br/DocReader/003085/43319>

da Silva cita o poema “Ode Magna”, de Fernando Ferreira de Loanda, observando que “de alto a baixo, a incoerência vicia os versos, de tal sorte que o poema não passa de um simples acúmulo de estrofes inconsequentes”⁴⁸ (SILVA, 27 out. 1948, p. 4). Posteriormente, Loanda incluiu, entre outros, os poetas Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio da Silva Ramos em suas antologias, que, por sinal, não apresentam estudo crítico. Essa falta foi sentida pelo crítico português João Gaspar Simões no artigo “Sobre a nova poesia brasileira”, publicado no Suplemento *Letras e Artes*, no dia 21 de outubro de 1951, quando elogiou a publicação da primeira antologia, *Panorama da nova poesia brasileira* (1951), lamentando que Álvaro Lins não tenha escrito o prefácio: “infelizmente, remetido ao silêncio em que vive, Álvaro Lins não escreveu o prefácio”⁴⁹.

3 O poeta

Sobre o poeta Fernando Ferreira de Loanda, Milton de Godoy Campos (1966), em sua *Antologia poética da geração de 45*, escreveu que se fez “conhecido, antes mesmo de conquistar um lugar ao sol como poeta, pelo fato de dirigir uma das primeiras publicações da geração de 45, a revista ‘Orfeu’, do Rio de Janeiro” (CAMPOS, 1966, p. 182). Acrescentou que foi de responsabilidade de Fernando de Loanda e da Revista *Orfeu* “o primeiro *Panorama da nova poesia brasileira* (1951), que reuniu os principais representantes da geração”. Não há na antologia de Godoy apreciação da poesia do escritor que, como lemos no *Jornal da União Brasileira de Escritores* (UBE), era mais conhecido no exterior e

grandes nomes hispânicos mantinham com ele estreito comércio literário. Conta Affonso Romano de Sant’Anna que, em visita ao Brasil, Octavio Paz procurou saber como encontrá-lo, deixando de lado outro compromisso. Pela América Hispânica inteira Fernando fez amigos e tradutores, promoveu a poesia brasileira e teve parte de sua obra publicada em espanhol⁵⁰. (REDAÇÃO, 2002, p. 14).

Em um levantamento bibliográfico realizado para a elaboração do presente texto, não identificamos trabalhos acadêmicos, dissertações e teses, nem artigos científicos sobre a poesia de Fernando Ferreira de Loanda. Quase concomitantemente com a finalização do texto, porém, foram publicados os artigos “A poesia de Fernando Ferreira de Loanda – um diálogo com a poesia portuguesa”, de Gabriella Araújo e Joelma Siqueira (2023), e “Fernando Ferreira de Loanda: uma dívida impagável”, de Alberto Pucheu (2023). No primeiro, as autoras exemplificam o diálogo da poesia de Loanda com a poesia portuguesa, trazendo informações relevantes para futuros trabalhos sobre sua aproximação com poetas de Angola e da América Hispânica; no segundo, Pucheu relembra sua amizade com Luanda e destaca diferentes momentos de diálogo poético mantido com o autor do poema “Kuala Lumpur”. Além desses dois artigos, a dissertação de Ibriela Bianca Berlanda (2011), comentada anteriormente, embora não se detenha na

⁴⁸ *Correio Paulistano*, 27 out. 1948, p. 4. http://memoria.bn.br/DocReader/090972_09/39741

⁴⁹ *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, 21 out., 1951, p. 5. <http://memoria.bn.br/DocReader/114774/2888>

⁵⁰ *Jornal da UBE*. N.101. Dez. 2002, p. 14. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/veiculos_de_comunicacao/oes/oes0212101/oes0212101_14.pdf

análise de poemas do escritor, é outra referência importante por observar a presença do poeta entre poetas mais novos em uma revista cujos editores, como escreveu, publicaram “autores que lhe interessavam e textos que tomaram como preciosos” (BERLANDA, 2011, p. 40). No texto de apresentação, publicado na *Azougue* antes da entrevista, Sergio Cohn escreveu sobre a predileção de Alberto Pucheu pelo poeta:

Alberto me disse que o considerava um poeta interessantíssimo, mas que não havia ainda recebido o devido reconhecimento no Brasil por causa da sua vinculação à Geração de 45, e me mostrou algumas de suas poesias, que me impressionaram muito. Eram poemas que se estendiam no limite entre um verso longuíssimo e a poesia em prosa, onde as palavras pareciam todas colocadas no seu lugar exato, demonstrando um autor preocupado com o artesanato poético, o que só aumentava a estranheza quase delirante do conteúdo. Como frisou Alberto, eram poemas que, não havendo nenhum reconhecimento prévio do leitor sobre a relação do autor com a geração de 45, nada a indicaria. Certamente, Loanda não seguia as inovações modernistas, mas também não trabalhava estritamente com formas poéticas tradicionais, como se considera caricaturalmente ser o modo dos expoentes. Se havia uma clara preocupação formal, também não eram textos de um poeta puramente formalista (COHN, 2003, p. 39).

Sérgio Cohn (2003) destacou, ainda, que o escritor “sempre foi um viajante assíduo. Não é à toa que sua poesia é um constante elogio da viagem” (COHN, 2003, p. 39).

O poema “Ode para Jack London” pode ser tomado como um exemplo desse elogio. Jack London foi um escritor estadunidense, autor de livros de aventura adaptados para o cinema, entre os quais *O lobo do mar*, comentado no jornal *Correio da manhã* em 27 de abril de 1922 na coluna “Mundo da Tela”, em uma pequena notícia intitulada “Cinema Pátria”:

O empolgante filme extra da Paramount, ‘O lobo do mar’, uma das mais emocionantes peças que tem produzido o cinema, figura hoje no cartaz do Pátria. São sete atos fortíssimos, adaptados de uma novela do célebre filósofo americano Jack London, descrevendo com um colorido vibrante a vida agitada da gente do mar. O filme marcou um dos grandes sucessos da temporada⁵¹. (CINEMA [...], 27 abr. 1922, p. 5).

Em 1938, foi lançado no Brasil o livro *A vida errante de Jack London*, de Irving Stone, que, em 1941, esteve de passagem pelo Rio de Janeiro. A obra foi publicada pela Editora José Olympio. Nos anos 1940, o nome Jack London frequentou as páginas de periódicos cariocas com regularidade. A título de exemplo, citamos alguns textos mais extensos como “O escritor vagabundo”, de Nelson Vainer (*Dom Casmurro*, 01 mar. 1941)⁵²; “Ironia e aventura na vida de Jack London”, de Fernando Leite (*Vamos ler!*, 15 out. 1942)⁵³; “O revolucionário Jack London”, de J. Gonçalves Thomaz (*Leitura*, nov. 1947)⁵⁴.

⁵¹ *Correio da manhã*, 27 abr. 1922, p. 5. http://memoria.bn.br/DocReader/089842_03/10234

⁵² *Dom Casmurro*, 01 mar. 1941, p. 6. <http://memoria.bn.br/DocReader/095605/1397>

⁵³ *Vamos ler!*, 10 out. 1942, p. 60. <http://memoria.bn.br/DocReader/183245/16602>

⁵⁴ *Leitura*, nov. 1947, p. 54. <http://memoria.bn.br/DocReader/115509/4921>

A primeira publicação do poema “Ode para Jack London”, possivelmente, se deu no *Correio da manhã*, em 04 de julho de 1948, ao lado do poema “Ode VII”. Transcrevemos o poema abaixo:

ODE PARA JACK LONDON

Sou sempre daqueles
que vão deixando alguém
nunca o alguém
hirto na partida
na melancolia da ausência
amanhã nostalgia insubmissa.

As viagens foram feitas para mim
Nasci com os mapas
Os itinerários estão na palma da minha mão.

Sou sempre um estranho
forasteiro nas praias **nunca** repetidas
minutos na existência de mulheres jamais lembradas
nos portos **nunca** visitados pela segunda vez.

Nunca me falaram as mãos e os lenços
que permanecem em acalanto, no cais.
Desconheço-lhes o morno do hálito.

Também minhas mãos
uma de sotavento
outra de barlavento
Nunca se manifestaram
Nunca as sacudiu uma saudade futura
Nunca fui alguém que fica, sou sempre o que vai
O que vai e não retorna, como se fosse com a morte
existir no olvido⁵⁵.
(LOANDA, 4 jul. 1948, n.p.)

⁵⁵ *Correio da Manhã*, 04 jul. 1948, s/p. http://memoria.bn.br/docreader/089842_05/42247

Composto por cinco estrofes irregulares, a referência ao escritor americano presente no título era fácil para o leitor da época, dado o sucesso dos livros e das adaptações de sua obra para o cinema, bem como a presença de seu nome nos periódicos, a exemplo da revista *A cigarra*, que publicou traduções de vários contos do escritor nos anos 1930. Além disso, em 1944, foi lançado o filme *Jack London*, comentado em uma nota publicada no *Diário Carioca* em 26 de agosto de 1944:

Jack London

As mulheres adoravam-no e os homens temiam-no! A ambos ele venceu com o poder irresistível de sua personalidade magnética ou com a força demolidora de seus punhos de aço.

A epopeia gloriosa de uma vida consagrada inteiramente a um ideal de liberdade, num filme que satisfaz a exigência de todos, eis 'Jack London!', o filme produzido por Samuel Bronston para United Artists e que será lançado nos cinemas: Roxy, São Luiz, Vitória e Carioca no próximo dia 31, constando no seu 'cast' com Michael O'Shea, Susan Hayward, Osa Massen e Virginia Mayo.⁵⁶ (JACK [...], 26 ago. 1944, p. 6).

No poema “Ode para Jack London”, prevalece o verso prosaico (“Sou sempre daqueles”/ “As viagens foram feitas para mim”/ “Sou sempre um estranho”), sem que se deixe de observar, também, certa depuração estilística.

A escolha pela forma fixa, a ode, relaciona-se com a reposição de convenções suplantadas, ou a inflexão neoclássica da lírica do pós-guerra, analisada por Vagner Camilo, que identificou, entre outros aspectos, o retorno a certos gêneros poéticos como a ode e a elegia. Sobre esses dois gêneros em específico, Camilo (2020) ressaltou que “parece se explicar pelo fato de tais modalidades terem sido, por muito tempo, associadas a disposições básicas a que bem se presta o gênero lírico: o louvor e o lamento” (CAMILO, 2020, p. 189). Fernando Ferreira de Loanda é autor de “Ode ao inconstante”, “Ode”, “Ode para Bartolomeu Dias” etc. No poema “Ode para Jack London”, os dois aspectos citados por Camilo se interrelacionam, pois, de um lado, no título, temos uma ode dedicada a Jack London, de outro, no corpo do poema, o eu lírico, em primeira pessoa, lamenta justamente o que é atributo do aventureiro – estar constantemente de partida.

Na primeira estrofe, o sujeito já se apresenta como privado de experimentar o sentimento de quem fica. E não se trata de uma escolha, posto que nasceu “com os mapas”, predestinado. E esse destino de viajar faz dele um estranho por onde passa (“os portos nunca visitados uma segunda vez”), o que lhe priva de uma experiência que ele vislumbra apenas de fora:

Nunca me falaram as mãos e os lenços
que permanecem em acalanto, no cais.

Desconheço-lhes o morno do hálito.

(LOANDA, 4 jul. 1948, n.p.)

⁵⁶ *Diário Carioca*, 26 ago. 1944, p. 6. http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/17901

Na última estrofe, os termos náuticos “sotavento” e “barlavento” (que se referem ao lado por onde sai o vento e o lado para onde sopra o vento) ressaltam que suas mãos são de velejador. O ritmo desse movimento do vento é imitado no paralelismo rítmico do segundo e terceiro versos desta estrofe (“Uma de sotavento”/ “outra de barlavento”). A expressão repetida duas vezes “Sou sempre” é completada de duas formas que, embora se relacionem, tendo em vista o anonimato do sujeito, “daqueles” e “estanho”, não se confundem. O advérbio de negação “nunca”, repetido sete vezes no poema, ausente apenas na segunda estrofe, aquela que fala explicitamente das viagens, espalha uma nota de monotonia, associada à constante partida dos lugares por onde tem passado o eu lírico.

Ao intitular o poema “Ode para” e expressar-se em primeira pessoa, o eu lírico coloca-se no lugar do homenageado, o aventureiro Jack London, e produz um lamento sobre as constantes partidas dos lugares visitados, sobre o destino solitário do aventureiro. Invertendo a perspectiva que apontaria para a expectativa da aventura, vislumbra, da viagem, a partida, mas com os olhos voltados para os que ficam, expressando-se sobre o sentimento de solidão recorrentemente experimentado.

No número 132, de agosto de 1964, da Revista *Jóia*: Revista feminina quinzenal deparamo-nos com um anúncio do livro *Do amor e do mar* (1964), informando que a obra de 87 páginas cotinha desenho e retrato do poeta por Iberê Camargo. Sobre o poeta, lemos: “Amante do desconhecido, sente o apelo e o fascínio das distâncias que se ocultam por traz da linha líquida do horizonte. Poeta autêntico “do amor e do mar”, humano e solidário, são antológicas algumas de suas poesias – como por exemplo a ‘Ode a Jack London’, ou “O ausente”, poemas já traduzidos para o inglês e o francês”⁵⁷.

O tom do poema é de queixa que, sem renunciar ao prosaísmo, também não recusa o emprego da expressão mais cerimoniosa, especialmente, no final da primeira estrofe:

nunca o alguém
hirto na partida
 na melancolia da ausência
 amanhã **nostalgia insubmissa**.
 (LOANDA, 4 jul. 1948, n.p.)

A escolha do vocábulo mais formal conforma-se com a ideia de alguém que ficou retido e com a experiência da ausência como coisa estranha ao eu lírico. Esse tom mais cerimonioso retorna no final do poema, permitindo-nos pensar que a escolha do vocábulo raro contribui para figurar a imagem do esquecido: “O que vai e não retorna, como se fosse com a morte”/ “**existir no olvido**”.

⁵⁷ *Jóia* – Revista Feminina Quinzenal, ago. 1964. <http://memoria.bn.br/docreader/110485/9701>

4 Considerações finais

Ao publicar o poema em 1948, Loanda era um jovem de aproximadamente 24 anos de idade, com alguma experiência de viagem, pois, conforme comentou na entrevista publicada na Revista *Azougue*, nasceu em São Paulo de Luanda, aos 4 anos, foi para Portugal e, aos 12 anos, veio para o Brasil. Nos anos 1940, como destacamos, o nome Jack London estampava as páginas da imprensa brasileira. Seu verdadeiro nome era John Griffth Chaney. Ele nasceu em 1876 e faleceu em 1916. Ao dedicar a London um poema em que aborda as viagens pela perspectiva do sentimento da perda daquele que parte, e não pela expectativa da aventura ou da chegada, possibilita-nos pensar na condição do sujeito como viajante no mundo a caminho da morte no esquecimento. A escolha da primeira pessoa torna a experiência mais marcante e combina com versos de outro poema da obra *Equinócio*, “Memória”, sobre lembranças do mar que, como destaca o eu lírico, “acordam em mim o irmão de Jack London”.

Quando da morte de Fernando Ferreira de Loanda, o crítico e historiador angolano Carlos Pacheco escreveu que

Realmente o mundo das letras, de língua portuguesa, acaba de perder um dos seus maiores vultos, só que de uma forma gritantemente absurda: enquanto em todos os quadrantes de língua espanhola – do México à Argentina, incluindo a Espanha – se exalta a poesia de Fernando Ferreira de Loanda, pujante de beleza estética e densidade discursiva, no Brasil, longe disso, essa poesia tem sido emparedada pelas capelinhas, quando não mesmo voltada ao ostracismo⁵⁸. (PACHECO, 2002, n.p.)

Podemos pensar que essa declaração tem algum exagero, comum a um amigo saudoso, mas é importante destacar que Loanda manteve diálogo com muitos poetas estrangeiros, como David Mestre, Efraín Huerta, Octávio Paz, Henrique Molina, entre outros. Esse é um importante aspecto de sua trajetória artística que merece pesquisa atenta. Apesar disso, é inegável que existir no olvido é algo que tem acontecido a muitos poetas da geração de 45, escritores e escritoras que precisamos ler sem nos deixar guiar tanto pela recepção negativa que receberam os poucos que foram lidos até então. A ausência de crítica é correlata da ausência da obra desses escritores em bibliotecas e livrarias. No mundo digital, há pouquíssima informação sobre eles e elas, suas obras e seus acervos. É preciso termos acesso a essas obras e nos aventurarmos em leituras que não se limitem à comparação com o cânone, atraídos pela força do que já foi apreciado, para que possamos fazer leituras do que ficou de fora, visando contribuir para o discurso da história.

Chegando ao final dessa breve apresentação do poeta Fernando Ferreira de Loanda, podemos destacar que foi um poeta conciliador entre as tendências modernistas e classicizantes. Um dos aspectos observados no estudo da geração de 45 é a necessidade de os novos poetas se definirem em contraposição aos poetas modernistas. Domingos Carvalho da Silva (1966), em uma conferência pronunciada em Fortaleza, a convite da Universidade do Ceará, em agosto de 1959, posteriormente publicada no volume *Eros & Orfeu*, destacou que o confronto entre poetas de 45 e da geração anterior “não tem – nem poderia ter – por objetivo o

⁵⁸ “PACHECO, Carlos. Um poeta sepultado vivo. *Público*, 29 jul. 2002. Disponível em <https://www.publico.pt/2002/07/29/jornal/um-poeta-sepultado-vivo-173223>. Acesso em: 04 jan. 2023.

estabelecimento de relações de qualidade” (SILVA, 1966, p. 132). Porém, até onde pudemos observar, o confronto, ora serviu para o estabelecimento de qualidade, seja dos modernistas em relação aos poetas da geração de 45, seja dos mais autênticos da geração em relação aos que eram considerados marcados pelas influências modernistas. Nesse sentido, não deveria nos causar espanto, por exemplo, a ausência a qualquer menção à poesia de Fernando Ferreira de Loanda e à sua contribuição para a geração de 45 frente à *Orfeu*, bem como à de vários outros poetas da geração, na referida conferência de Domingos Carvalho da Silva, sem que esta deixe de ser um importante depoimento para os estudiosos da literatura brasileira moderna.

REFERÊNCIAS

A BATALHA entre 22 e 45 determinou o itinerário do congresso de poesia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 maio 1948.

ARAÚJO, Gabriella Duarte Mello Vieira; SIQUEIRA, Joelma Santana. “A poesia de Fernando Ferreira de Loanda – um diálogo com a poesia portuguesa”. *Texto Poético*, v. 19, n. 39, p. 134–157, 2023. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/969>. Acesso em: 8 ago. 2023.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

BASTOS, Laíse Ribas, CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. “‘Meu caro Domingos’ – as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva”. *Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 78-93, 2020.

BERLANDA, Ibriela Bianca. *A Revista Azougue e o poeta Roberto Piva – o saque e a dádiva*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CAMILO, Vagner. *Modernidade entre tapumes*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

CAMPOS, Milton de Godoy. *Antologia poética da geração de 45*. São Paulo: Editora Clube de Poesia, 1966.

CINEMA pátria. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1922, p. 5.

CISÃO no grupo Orfeu. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 25 maio 1951, p. 2.

COHN, Sergio; CESARINO, Pedro; REZENDE, Renato (org.). *Azougue: edição especial 2006-2008*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2003.

CRISE no grupo Orfeu. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 23 set. 1951, p. 2.

DO AMOR e do mar. *Jóia – Revista Feminina Quinzenal*, Rio de Janeiro, ago. 1964.

EQUINÓCIO de Fernando Ferreira de Loanda. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 23 set. 1951, p. 11.

GALERIA. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17, jul. 1949, p. 8.

JACK London. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1944. Cinema, p. 6.

LEITE, Fernando. Ironia e aventura na vida de Jack London. *Vamos ler!* Rio de Janeiro, 10 out. 1942, p. 60.

LOANDA, Fernando Ferreira. Meu padrinho o senhor está surdo. *A cigarra*, São Paulo, dez. 1945, p. 24.

LOANDA, Fernando Ferreira. Poesia hermética. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 06 abr. 1946, p. 4.

- LOANDA, Fernando Ferreira. George Sand. *A cigarra*, São Paulo, ago. 1946, p. 90.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Antologia da moderna poesia portuguesa. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 13 out. 1946, p. 6.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Verlaine, poeta e vagabundo. *A cigarra*, São Paulo, jan. 1947, p. 115.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Os pobres. *A cigarra*, São Paulo, maio 1947, p. 104.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Notas de um diário. *A cigarra*, São Paulo, jun. 1947, p. 104.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Uma das pontas do meu triângulo. *A cigarra*, São Paulo, jul. 1947, p. 108.
- LOANDA, Fernando Ferreira. O hóspede do Hotel Engert. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1947, p. 6.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Shakespeare enfant. *A cigarra*, São Paulo, ago. 1947, p. 109.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Tabloides. *A cigarra*, São Paulo, out. 1947, p. 109.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Fred Pinheiro, anjo poeta. *A cigarra*, São Paulo, nov. 1947, p. 105.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Tabloides. *A cigarra*, São Paulo, dez. 1947, p. 105.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Dois poemas. *A cigarra*, São Paulo, jan-fev-mar. 1948, p. 107.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Edgard Allan Poe. *A cigarra*, São Paulo, jun. 1948, p. 137.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Ode para Jack London. *Correio da Manhã*, 04 jul. 1948.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Dois poemas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04 jul. 1948.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Um novo poeta. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 ago. 1948, p. 6.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Novos caminhos no horizonte. *A cigarra*, São Paulo, ago. 1948, p. 136.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Ode para Jack London. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 10 out. 1948.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Carta para Cecília Meireles. *A cigarra*, São Paulo, out. 1948, p. 138.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Ode para Jack London. *Diário de Pernambuco*, Recife, 12 mar. 1949.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Ode para Jack London. *Leitura*, Rio de Janeiro, mar. 1949, p. 52.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Treno para Mauro Mota. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 04 dez. 1949, p. 14.
- LOANDA, Fernando Ferreira. O ausente. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 04 jun. 1950, p. 11.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Auto-retrato de Fernando Ferreira de Loanda. *A cigarra*, São Paulo, set. 1950, p. 96.
- LOANDA, Fernando Ferreira. Dilema avoengo. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1952, p. 5.
- LOANDA, Fernando Ferreira. *Equinócio*. 1. ed. Rio de Janeiro: Orfeu, 1953.
- NUNES, Benedito. *João Cabral – a máquina do poema*. Brasília: Editora da UNB, 2007.
- PACHECO, Carlos. “Nótula biográfica”. In: LOANDA, Fernando Ferreira de. *Signo da serpente*. Lisboa: Veja, 2000. p. 11-21.

PACHECO, Carlos. Um poeta sepultado vivo. *Público*, 29 jul. 2002. Disponível em <https://www.publico.pt/2002/07/29/jornal/um-poeta-sepultado-vivo-173223>. Acesso em: 04 jan. 2023.

PRONUNCIAMENTO dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1947, p. 7.

PRONUNCIAM-SE os novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 14 set. 1947, p. 15.

PRONUNCIAMENTO dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 21 set. 1947, p. 15.

PRONUNCIAMENTO dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 28 set. 1947, p. 7.

PRONUNCIAMENTO dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 12 out. 1947, p. 15.

PRONUNCIAMENTO dos novos sobre o pensamento de Tristão de Athayde. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 26 out. 1947, p. 13.

PUCHEU, Alberto. Fernando Ferreira de Loanda: uma dívida impagável. *Jangada: crítica, literatura, artes*, v. 11, n. 1, p. e110105, 2023. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/500>. Acesso em: 8 ago. 2023.

QUE LIVRO gostaria de ter lido. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 06 abr. 1947, p. 15.

REDAÇÃO. Fernando Ferreira de Loanda. *Jornal da UBE*, n. 101, p. 14, dez. 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/2010/veiculos_de_comunicacao/oes/oes0212101/oes0212101_14.pdf. Acesso em: 8 ago. 2023.

RESPONDE o diretor da Orfeu. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 01 jun. 1952, p.2.

SILVA, Domingos Carvalho. “O modernismo e a geração de 45”. In: *Eros & Orfeu*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. Comissão de literatura, 1966.

SILVA, Péricles Eugênio da. A estrela da barbaridade. *Correio Paulistano*, São Paulo, 27 out. 1948, p. 4.

SIMÕES, João Gaspar. Sobre a nova poesia brasileira. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 21 out. 1951, p. 5.

SIQUEIRA, Joelma Santana; CAMILO, Vagner. “Geração de 45, poetas de 45” (Editorial). *Texto Poético*, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 1–7, 2021. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/835>. Acesso em: 4 jan. 2023.

THOMAZ, J. Gonçalves. O revolucionário Jack London. *Leitura*, Rio de Janeiro, nov. 1947, p. 54.

VAI surgir a revista Orfeu. *Letras e Artes – Suplemento de A manhã*, Rio de Janeiro, 29 jun. 1947.

VAINER, Nelson. O escritor vagabundo. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 01 mar. 1941, p. 6.